

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ: ESCRITAS MIGRANTES NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Neste primeiro número do volume 7 da *Revista Letrônica*, o dossiê de literatura apresenta artigos diversificados que dão atenção a obras literárias cujo foco está na fragmentação do sujeito, na viagem, na errância, no exílio, movimentos ligados diretamente à problemática da identidade e da alteridade. Na narrativa contemporânea, são recorrentes a presença de protagonistas que, situados temporariamente em outros países e culturas, enfrentam a solidão, o estranhamento e encetam a busca de si mesmos. Essa abertura à cultura do outro tornou-se mais frequente nas últimas três décadas da literatura brasileira, o que pode ser atribuído à mundialização e ao advento da Internet depois dos anos 1980. Desencadeada pelo deslocamento ou pela sensibilidade para o confronto com o outro, essa produção literária é cunhada por alguns teóricos contemporâneos, como Simon Harel e Pierre Ouellet do Québec, de “literatura migrante” ou “escritura migrante”. Na noção de migrância está a ideia de transgressão, através da qual o Eu se emancipa de sua identidade primeira, fazendo a passagem ao Outro. Essa abertura favorece o desenvolvimento de uma “estesia migrante” ou “sensibilidade migratória”, no dizer de Ouellet, que se revela nas “formas de percepção do outro e de apreensão da própria alteridade”, de forma que a identidade não é estável, mas está sempre em movimento interno (cf. OUELLET, P. *L’Esprit migrateur: essai sur le non-sens commun*).

O foco dos artigos que compõem este dossiê, avaliados e aprovados por dois pareceristas, é a escrita literária de caráter transnacional, conceito trabalhado por Patrik Imbert, Janet Paterson, Zilá Bernd em suas investigações, escrita que revela a identidade compósita dos escritores migrantes, carregada de uma herança cultural que se mescla à do país de acolhida. Exemplos disso são os autores Sergio Kokis e Dany Laferrière, cujos romances foram trabalhados por Luciano Passos Moraes, no artigo “Exílio, migração e

espaço autobiográfico em Kokis e Laferrière”, no qual o estudioso analisa as questões acerca do espaço desses autores nas literaturas migrantes do Québec sob o viés da errância de suas personagens e observa as imagens borradas que fazem de seu país natal um lugar idealizado. Também o romance *Dois irmãos* de Milton Hatoum é analisado no artigo “Fronteiras simbólicas – espaço de hibridismo cultural, uma leitura de *Dois irmãos*, de Milton Hatoum”, em que Mariana Jantsch Souza observa a problematização do hibridismo cultural e identitário, resultante das zonas de fronteira, bem como os confrontos e os fluxos que se verificam no espaço fronteiriço a partir da figura do imigrante e do mestiço.

Nesse perfil de romance, os protagonistas estabelecem elos entre a sua própria história e identidade e às experiências da família, seguidamente traumáticas, desvelando o que ficou latente. Mas o voltar-se às experiências do passado pode ser também o confronto dos personagens com experiências traumáticas de sua própria vida, como é o caso de personagens dos romances *Rakushisha*, de Adriana Lisboa, que ganha destaque no artigo “*Rakushisha*: heterotopias, não-lugares e silêncio”, de Ana Amélia da Costa.

Escritores contemporâneos têm construído narrativas cujo acionamento da memória pelo narrador, estilhaçada no fluxo do pensamento, associa-se à história, sobretudo à barbárie que marcou o século XX, como também poemas nos quais o sujeito lírico transfigura em imagens a experiência do luto, o trauma, a identidade fragmentada através de desdobramentos de si. No século passado e neste início do XXI, milhares de pessoas sem abrigo fixo e protegido, devido a guerras, genocídios e fome, partiram para lugares nem sempre escolhidos, mas que ofereciam uma oportunidade de refúgio e também de trabalho.

Este número da *Revista Letrônica* conta ainda com artigos sobre os romances *Algum lugar*, de Paloma Vidal; *Vaca de nariz sutil* (1961), de Campos de Carvalho, e a novela “O oco” (1973), de Hilda Hilst; *Onde andarás Dulce Veiga?*, de Caio Fernando Abreu; *Livro de sonetos*, de Jorge Lima; o conto “Cemitério de Elefantes”, de Dalton Trevisan; ou seja, artigos que trazem resultados de uma investigação sobre as escritas do Eu no romance contemporâneo brasileiro, cujo imaginário, no sentido de Gilbert Durand, é marcado pelo acionamento da memória, a busca da identidade, a percepção da alteridade e o confronto do Eu com o Outro, tendo por base estudos multidisciplinares sobre a sociedade atual, em tempos de globalização, deslocamentos e trocas culturais.

Desejamos a todos uma ótima leitura!

As organizadoras:

Professora Responsável: Dra. Ana Maria Lisboa de Mello

Pós-doutoranda Anna Faedrich